JUIZO CRITICO

DAS OBRAS LITTERARIAS DA EXM.ª SR.ª

D. Josefa Codina Ambert

PELO

Dr. J. Pereira Rego Filho

(Conclusão)

MARIA AMÔR

Minha analyse sobre esse interessante trabalho, que terá distincção em minha bibliotheca, proporciona-me material, em raciocinio severo, para garantir: —judiciosa é a phrase da authôra, quando disse: «*Maria Amôr*» é um terreno abonado, onde colherão fructos não só os adolescentes, porém, todos os que tendo alma e coração, queiram mais ennobrecêl-os, com os conselhos e bons exemplos, tirados de um livro de idéas sazonadas em cultivo intellectual, de uma educação moral aprimorada.—

O typo de «*Maria Amôr*» é uma creação bellissima. A virtude definida sem affectação, honrando o amôr, em toda a sua elevação. Ha magestade na forma, ainda que singela e naturalmente exposta. Essa tortura moral, em que se manifesta, na confissão que faz ao sacerdote, por havêr-se adeantado em garantir a Ismael, seu pretenden-

te, a sua dedicação, é a expressão da pureza de um coração virtuoso, e cheio de bondades que encantam.

Essa revelação de uma menina de tão puros sentimentos, de uma modestia tão assignalada, cujo coração vive em perfeições moraes tão dignas, faz adivinhar quantas responsabilidades notaveis não guardará esse espirito na direcção dos seus proprios actos.

Seu typo é, portanto, uma tetéia litteraria si permittida me fôr a comparação.

Tambem caracteristica e bem formulada é a asseveração de que Ismael é um christão sincero; isso está em expressão de ouro. E' magnifica a sua phrase. Essa forma de definir um bom christão, que é a verdadeira, enche de jubilos ao coração do crente, que deve felicitar-se, vendo arrazoamentos tão nobres, codificados tão brilhantemente para indicar ao catholico mais exigente uma bella orientação; ao passo que não vacillará em ligar o maior apreço ao caracter da authôra, cujo raciocinio é revelação de um cultivo moral aproveitavel, dirigindo um coração de crenças, bem amparadas em educação de cultismos invejaveis.

O pensamento está exposto com clareza, delicadamente, e com a melhor dicção, como pode avaliar-se da transcripção, que passo a fazêr:

«Pelo que ouço, querido padre, disse D. Clara, o discipulo de V. Revm.ª será todo um joven christão.

—V. Ex.ª o disse: christão, porém, em toda a extensão da palavra, e não de palanfrorio, á ligeira, como sóe sêl-o nossa juventude e ainda muita gente séria. Porque muitos agêm como christãos só cumprindo com alguns preceitos de nossa religião; sem preocuparem-se das offensas que, por outra parte, a ella inflingem; e só importando-lhes o bom vêr, o deixar cobertas as formas: aos taes pode dizêr-se que cumprem com um devêr social—; que bem pouco é!—e não moral como exige-o a religião de Christo. Procurar imitar a Este em sua humildade, em sua justiça, em seu desprendimento, em sua caridade sublime, isso é ser christão, isso é ser como Ismael de Penhabranca».

Este texto está repleto de exhuberancias, embora dito em phrase, em que o apparatoso está no perfeito do ideal que preside aos designios de formular os preceitos que devem servir de norma aos que se dizem sectarios d'essa Supremacia Moral, que no Golgotha creou a sua Immortalidade, no «Outeiro da Luz», onde, na phrase de poeta digno, para salvar a humanidade da dôr que mais lhe dóe e do fel que mais lhe amarga, este traduzindo a impiedade e aquella o peccado, ensinou a doutrina da verdade, para que «d'essa Vinha de Fé, de onde seu sangue emana», o christão tenha sempre o coração repleto de crenças, o meio de salvar-se dos abrolhos, de que o mundo abunda, e passar incolume pelos vendavaes; pensando apenas nos martyrios por que passou Aquelle, que para salvar a humanidade de suas miserias, e o horror de sua vida sem tregoas, deante das más paixões que seguem-na, arcou com o sacrificio de todas as dôres e das maximas torturas.

Este texto da novela é de um alcance nobre; um programma de educação moral; um protesto á fatuidade da hypocrisia; e uma orientação segura aos que, em noites de insomnia levando o coração, sentem a alma em agonias, debatendo-se em ardentes frágoas, por vêl-o sacrario de falsas doutrinas, que nada promettem, nem representam perante os sectarios da Fé.

E tambem, é convencimento justo de que quem, como a authôra, interpreta os sentimentos moraes em tanta solemnidade, faz direito ao maior respeito e á toda admiração.

Isto, quanto aos sentimentos puros e alevantados, em que firma o viver dos seus personagens principaes; mas quanto á imaginação, o titulo da novela, que denominou «*El Angelus*», pede applausos. O leitor tem enlevos, modelados em purismos de estylo, que o magoam por não ter sido conviva nos festins que Maria Amôr, tão nobre, tão virtuosa, tão cheia de encantos e formosuras deva ter merecido no dia de sua ventura maior.

Creio ter razão em applaudir o estylo de quem assim escreve: «A tarde, formosa de Agosto, declinava pregui-

çosamente. O Sol, como arrependido de privar tão cedo a terra de sua luz, parecia querer communicar-lhe toda a força dando-lhe uma formosura admiravel, arrebolando o firmamento com os divinos cambiantes do iris e ferindo com seus raios as cristas dos montes, como si quizesse inocular-lhes o fluido vital que faz render homenagens á Mãe Natureza, louvando n'ella a Deus».

Essa pintura do Crepusculo, no declinar da tarde, esparzindo suas sombras sobre a terra, e as afflicções do astro rei, que traz comsigo as energias da vida, temendo retirar-se tão prompto, pelo que a delicia com fulgencias excepcionaes, é uma allusão bella; mostrando que, até nos astros, os escrupulos e attenções são creações louvadas.

E' bastante sympathica esta maneira de crear pensamentos alegres e alevantados, figurando imagens preciosas, para levar a mente humana á luz da consciencia e ao caminho da verdade, não procurando erroneas tradicções nem humanos dólos para illustrarem sua phrase; mas sempre mantendo-a na zelosa affeição aos designios e evidencias, de que a propria natureza é theatro,—para forçar o leitor a ver no infinito o infinito, e liberto dos ardis embusteiros, origem das descrenças, evitar visitar as grandes officinas, que laboram para a ruina da humanidade, tremer sempre deante d'esses abysmos de fecundas maldades, buscar na belleza irresistivel da natureza, onde estampam-se os moldes moraes de perfeições sem tachas, todas as victorias do pensamento, todos os escrupulos, que fortifica a fé, e são portanto, extranhos á duvida, a fonte da descrença, que faz emmudecer a razão, e consequentemente, dá ao coração, sem norte, flagellos torturantes. O valor do pensamento exposto, ella propria o dirá, quando applica tão bem aos idealismos traçados antes esta exclamação:

«Que formoso thema para objecto de um quadro! —a solitaria campina, o imponente silencio, que n'ella reinava interrompido só pelo gorgeio de algum passarinho, o tinir doce, ternissimo da Campana da Igreja e como aroma benditissimo, que tudo embalsama, a oração bro-

tada, como manancial de consolos, d'aquelles corações inflammados pela fé!... Que magestosa simplicidade e que magestade sublime!

«Que não profane o pincel humano essa realidade sonhada só pelos anjos; que o mysterio a vele; escudando-a a modestia; por isso o crepusculo envolve-a com seu manto, ficando só manifesta sua grandiosidade perante os olhos de Deus...»

Quem duvidará que a peroração d'este pensamento, complementando sua ficção anterior, não seja uma idealisação, em que se deixa transluzir uma imaginação elevada, dictando concentrações de um coração moldado em perfeições; buscando dar vida e forma á idéa principal de ir amparar-se a humanidade na Providencia, antes de conjecturar nos beneficios humanos; convidando a sonhar na luz de todos os prodigios a do céu, em que deve inspirar-se; fazendo assim sentir que é pelo respeito consagrado á Oração que o mortal deve moldar a immortalidade de sua fé e alteza de seu animo, e assim tornar-se invicto.

Além de que cumpre não deixar em silencio essa admiração que consagra aos painéis da natureza; porque, nenhum pincel humano deve profanar essa realidade sonhada em magestades sublimes, cuja grandiosidade só a Deus pertence vêr.

De facto, que humana creação poderia reproduzir esse accentuado expressivo do crepusculo, quando o Sol, ao fluctuar de carinhosa brisa, embalsamando a athmosphera de caricias venturosas, e ainda espargindo graças das suas prestigiosas refulgencias, doira o lago azul, onde auroras, em triumphos de eterna belleza, annunciam se?

Quem imitaria esse momento do crepusculo, que parece ser identico á aquelle, em que aquellas surgem, em encantos enigmaticos de ternuras mysteriosas, reclamos de amôr e de sorrisos de tentadôras imagens, que as nuvens crêam?

Quem poderia pintar esse excepcional dos astros, quando o sol vai deixar o firmamento de ouro, emblema

de amôr e seducções maiores, ainda resplandecendo em graças indiziveis?

Quem definiria bem esse seu nobre occultar-se no poente; mas energico ainda, em suas harmonias de supernos jubilos, n'esse augusto de sua partida?

Quem descreveria essa metamorphose maravilhosa e sublime, quando parece envolto em um vulcão de flores de nacarado ostentoso ou desse fulvo indescriptivel, e vence as nuvens com seus labios carmineos, enthesourando-as em um perolado ambar, em que transforma o horizonte; e onde vai esconder-se da terra n'esse angelico expressivo do seu amortecimento, tão caracteristico e tão lindo?

Como, si atravessando um philtro de amor, na doce luz, em que finda o seu prestigio, que ainda reflécte, no esmalte do polido jaspe de que começa a cobrir-se a azulina mansão, antes que as estrellas alfombrem-na, elle sorvesse apaixonadamente as ultimas scentelhas de luz, que a terra restitue-lhe, ao contemplar o sorriso meigo qué o céo offerta-lhe, como graça solemne!

Para que tenha um repouso tranquillo, e venha mais potente e altivo, em suas encantadôras claridades, aquecer o fresco orvalho das madrugadas, cujas lindezas tão faustosas traduzem sempre na habitação etherea uma vida sem fim, sem dor e sem prantos.

Essa hora é privilegiada, cheia de galas e pompas, em que a Natureza, envolta em lume abençoado, não conhecendo trevas, faz esquecêl-as, por serem ellas morada dos vicios, dos erros e infortunios.

Tanto interpretei d'essa phrase singela da authora, que parece ter pretendido pintar o contingente da vida, que desapparece como o crepusculo; sendo verdadeiras negridões os momentos, que precedem a morte de quem não tem crenças, quando as somnolencias moraes mirram a razão dando frouxidões á alma, e inquietações ao coração; quando narcotisando-o nas dores, força-o a ter só pulsações, como impulsos castigadores de afflicções e de remorsos, que tão penosos devem ser á uma vida, que parecendo paralysada, só renasce para curtir as penas que tocam aos impenitentes. Mas como a Natureza é sempre

benevola, previdente e piedosa, nas misericordias concedidas á humanidade, ensina-lhe a buscar o caminho com o arrependimento, e que veja clarezas e bonanças constantes nas elegias que o céo inspira; e em voz maviosa, serena e pura promette-lhe quando honra-se o valor da vida eterna, onde a virtude tem o seu diadema, seu throno e suas glorias o seu paraiso.

E foi assim, que interpretei esse pequeno titulo LX —(«*El Angelus*»); por isso reverenciei-o, demorando-me sobre elle. Julgo mui nobres os conceitos ahi exarados pela authora, que soube engrinaldal-os em formulas de bons cultismos litterarios; ainda que em forma synthética, que mais merito dá-lhe; deixando, porem, bem indicada a sua educada imaginação em doutrinas de um altruismo elevado e correcto.

O titulo «*Ave Maria de Gounod*» é um excellente trecho. O modo por que retrata as duas meninas, Maria e Andréa, é elegante; e é gostosamente animado e enthusiasmado pelo talento revelado pela authora, que eu reproduziria, senão fôra levar mui longe minha analyse. Direi, porém, quem ler este trecho verá que não fui folgado em lisonjas rendendo-lhe preitos; mas, que, conhecidas a phrase e a elevação de pensamento em que está dictado, meus applausos estarão comprovados. Refiro-me ao papel de Maria.

Pois, é perfeito esse modo por que encara sua inquietação com doçura, em melancolia significativa de uma alma grande, que não toleraria a fraqueza das lagrimas, mas que sabe, em escrupulosa meditação, concentrar-se, dominando a visão do futuro doirado em que sonhava, convencida das caricias do seu pretendente, que virtuosamente agasalha em seu peito. Ella comprehende que não são ficções de mentiras levadas ao seu coração, em palavras aduladôras, mas realidades de complacencias moraes, que mais salientam o papel nobre que destina á Maria Amôr.

Não são as austeridades sinistras das tempestades da vida, que se estampam na physionomia de Maria, nesse tão angelico rosto, em que admira-se a pureza de

uma alma depurada na dôr e nas agonias lancinantes das paixões repellidas, «mas esse puro, esse escrupuloso, que as ternuras, em doces affagos, crêam na innocencia, e as forças affectivas transformam em sonhos de mais encantadôras phantasias.

Emilia de Morsier dizia uma grande verdade, quando affirmava:

—«O lugar da mulher está em toda parte onde se soffre»; querendo brindar assim o seu nobre altruismo.

Mas nenhum soffrimento ha, que mais a impressione, que mais a preocupe e mais captiva a torne do que o sentimento do amôr; que traz sempre a imagem em cuidados e alarmas, n'essas intimidades de felicidades, em que, em promessas reciprocas, a alma e o coração vivem, na consagração do seu casamento ideal. Parecendo traduzir-se no seu semblante sombrio essa duvida do ente afortunado, quando a alma interrogada sobre suas doçuras moraes, não tendo phrases para exprimir o jubiloso do seu contentamento, deixa ao coração desenhar essa pureza de seu sentir, em expressões materiaes levadas á face, onde decifram-se todos os enternecimentos, que, em palavras de embriaguez de alegrias e de dedicações raras, jamais se definiriam.

Onde a sua existencia fluctua entre as delicias promettidas pelo céo e as incredulidades humanas, que destróem a sua fé, e fazem-na victima de afflicções sem medida; quando, em seus protestos de gentilezas, associarem-se, como dizia Victor Hugo:

«o seu espirito terrestre e trevoso, ao d'ella celeste e luminoso; a sua alma, á d'ella; sua sorte, a d'ella; sua immortalidade, á immortalidade d'ella; porque, o que tudo isso traduzia, é a poesia; porque poesia é amôr e virtude, são synonymos, e definem o amôr; que, quando preenche todo um sêr,o orgulho não acha nelle facilmente lugar, e n'isso transluz todo o valor da modestia, virtude, muito merito». Eis o que a authora pintou, como um modelo, em Maria Amôr.

Essa luta, em que mostra Andréa, quando a alma, enlevada pelos accordes do violino, procura desprender-

se das suggestões do corpo, é um quadro admiravel, habilmente pintado por uma artista, cheia de engenho, e que conhece esse mystico do martyrio mudo, em que a felicidade, glorificando-se e a alma não achando na terra as sublimidades que o affecto nobre merece, para ser endeosado, tem essas solicitudes impacientes; anciosa de deixar as regiões dos soffrimentos humanos, e entregar-se aos dominios das phantasias imaginativas, expressão da moral, que não conhece egoismos, e que só se encontra na immensidade sideral, onde a vida não tem subordinação aos estratagemas capciosos da sensibilidade. E' uma concepção elevada a interpretação d'esse dominio moral das forças affectivas e mysteriosas do amôr, que leva a victima de seus caprichos a tactear abysmos, onde os echos das vozes magoadas das desconfianças se amortecem aos suspiros de timidez «que labios virgineos, fontes de mimosas blandicias, ora em dôr, ora em saudades transformadas, exprimem esperançados, no meio d'esse deserto de desilluzões, onde só os sorrisos do ente querido tem encantos, e os sonhos, a elle dedicados, visões celestes».

E' mimosa a sua inspiração, em relação a estas duas jovens, Maria e Andréa. Na delicadeza imposta a seus papeis, mostrou — querer evitar novas idealisações para narrar essas lendas tenebrosas do amôr, cheias de inquietações e angustias, onde os silencios momentaneos, parecendo reflectir calmas, são presagios funestos de tormentas proximas.

Sobretudo, tendo em vista as tribulações eternas e fecundas da intelligencia humana, como nota Henrique Bordeaux, que tão longe levaram, no homem, o orgulho da razão, fazendo-o refractario ao sentimento do amôr.

Bem dito está tambem o titulo — «De Passeio» —; assás bello e elegante é na forma por que está escripto; nas emoções generosas que photographa; nas energias de vida que deu á phrase; e, sobretudo, no aprazivel com que adorna o pensamento. Todo o entrecho está magistral e lindamente composto; mas mui recommendavel é o seu final, quando synthetisa os encantos de Maria e diz: «E

aquelle rosto aprazivel, tranquillisador como emblema do bem, aquelles olhos, em cuja côr reflectia-se o céo e o encanto de uma alma como aquella pura, aquella voz, que, mais do que voz, era melodia que transportava o espirito á sonhadas regiões, o conjuncto, emfim, de tantas graças, que se enthesouravam na joven, absorvia a Ismael por completo, sumindo-o de continuo na aspiração de um só ideal--Maria Amôr.—

«Se preciso é dizel-o; Ismael amava á joven com a chamma profunda, purificadôra do primeiro amôr. Por Deus, quem não amou alguma vez? que ser, por misero que seja, deixou um dia de sentir combatida sua alma por essa anciedade dulcissima, dom do proprio Deus? O inferno, segundo a sublime definição de Santa Theresa. é um lugar onde não se ama; Lusbel rebellou-se contra Deus, porque não pôde amar».

Oh! quanto expressa de alevantado e sublime aquella apotheose ao primeiro amor, quando ella exclama:— «Por Deus! quem não amou alguma vez? que ser por misero que fosse deixou de sentir um dia sua alma combatida por essa anciedade dulcissima, dom do proprio Deus?»

Como Ismael não estava orgulhoso, por possuir o amor de Maria, bendizendo a sua fortuna?! E que tão bem asseverado está, no quadro de felicidade, em que pinta-o, no titulo—«*Amôr da Alma*», quando assim raciocina: «Para Ismael soára a hora mysteriosa, que parece servir de valla divisoria entre a sublime escada que aos céos conduz e o despenhadeiro que á perdição arrasta. Ditoso o mortal que logra ascendêr pela primeira! ai d'aquelle que pelo segundo se hallucina!...

«Pois bem, dito está que Ismael de Penhabranca optou pela primeira e subio, subio nas azas do amor puro e profundo que lhe inspirára Maria; e este caminho trazia á sua existencia um beneficio: de homem parecia ser transformado em anjo. Sua honradez, hombridade, e rectidão transpareciam em todas as suas acções como atravez da agua mansa observam-se as areias e pedrasinhas do fundo. Ismael sentia regenerar-se, e não soube ao certo a causa até o dia em que se vio muito enfei-

tiçado dentro do coupé com direcção á quinta de Ollán». Sim, é indubitavel, amo a Maria, amo-a, disse-o a si proprio com exaltamento.

«E dizia a verdade, porque a amava, abrigando por ella esse sentimento que vem a ser tributo que tarde ou cedo rende o homem á natureza, sentimento que, longe de amesquinhal-o no despenhadeiro do vicio, eleva-o nas azas do mais justo desejo. Não era essa illusão dos sentidos que entorpece ao homem, o que sentia Ismael, senão a aspiração, emblema do amôr grande, regenerador, izento de paixões turvas, cimentado no espirito, nutrido de mil honrados e formosos projectos para o porvir:— amôr, emfim, chamado d'alma, que Deus bemdiz».

Essa regeneração moral pelo amôr, trazida a Ismael, é uma inspiração de delicadezas recommendaveis e formosuras maiores; e essa imagem, traduzindo o amôr d'alma, é magnificamente feita.

Esta phrase é tão expressiva de bondades, que percebe-se o valor da virtuosa moral, que a ditou, fazendo retratar um coração magnanimo em Maria Amôr, de valor intrinseco mirado por todas as phases, que garantiam estar em sua personalidade a base da felicidade real de Ismael.

Todo este titulo é interessante; exalta o espirito a sua leitura, e enaltece o coração, ao meditar-se em seus conceitos. Nem se deve procurar commental-o em seus embellezamentos; porque a phrase do critico pode escrever: um quadro é tão bem desenhado que seria um crime ter a pretenção de melhor definil-o. E, não é vexame confessar:—que falta-me competencia, e falta-me a expressão augusta que elle pede.

No titulo «*Lagrimas Delatorias*», o final é de um sentimento invejavel.

Quem teria coragem de duvidar da bondade do coração de Maria Amôr, quando possuir-se d'este dizer da authôra?

«Penhabranca poz-se como a romã; acabava de chegar ao ultimo degráo da escada do precipicio. Depois de mirar com vago e respeitoso sorriso a quem havia sido

antes seu preceptôr, fixou, ao tempo de entregar-lhe as floresinhas, seus olhos nos de sua amada, e vio que d'estes desprendiam-se duas lagrimas, que, rolando por suas faces fôram perder-se entre os azues myosotis e as violetas. Ismael sentio estremecer-se todo o seu sêr e notou que seu coração pulsava aceleradamente como em um transbordamento geral de felicidade...»

Que naturalidade ha em tudo isto! quem pintal-o-hia melhor?

Quem daria com mais vantagem a idéa da correcção de uma joven, do que a que a authôra figurou em Maria Amôr, quando no titulo «*A paixão, qual a ignorança, produz cegueira ao espirito*», symbolisa os zelos entre as duas jovens, e faz Maria estygmatisar os vexames moraes em que colloca Andréa seu coração, dizendo:—«A alma sublevada pela paixão distancia-se irresistivelmente do bem. Assim como a agua tranquilla serve de espelho ao homem, o espirito em calma é o do seu creadôr: pelo contrario quando o vendaval das paixões remove-o e perturba-o, então não poderá reflectir-se mais n'elle, por mais que sua infinita misericordia se manifeste, a Imagem de Deus».

Este pezar da alma de Maria deante das commoções trazidas ao seu coração pelas excentricidades moraes de Andréa, creadas por intimidades pouco generosas, instrue bastante sobre o elevado que as paixões exercem nas relações sociaes; e n'essa abençoada communhão chamada familia, onde os affectos não devem estar sujeitos ás conveniencias de ingratos opportunismos, mas ser sim como consagrações dignas de symbolismos de um sentimento culto. Os ciumes, essas reservas que mascaram sentimentos, accentúam sempre almas pequenas e corações nullos; elles apenas servem para mantêrem resentimentos, maxime si a felicidade da familia não funda-se na disciplina moral, unica fonte de harmonias, e que deve ser a sua ancora.

Essa dôr, sentida por Maria, está dita com encantos; e, trazendo-a ao coração de Maria, a authora quiz provar n'essa transicção das alegrias, promettidas pelas fas-

cinações que o amôr gera no coração, para esses tormentos que Andréa provocava—que a felicidade humana nada seria, si passasse sem o soffrimento; porque a dôr é uma exigencia para o consolo; e sem ella a alegria, que é uma ventura, seria uma irrisão.

Aquellas confidencias intimas entre os progenitores de Maria, quando no titulo «*Regresso*» analisam a carta de Ismael, é o natural dos paes que advinham, o que vai passar-se no futuro dos filhos; e a carta que assignala os sentimentos de Ismael e as intenções em que vive seu coração, junto á Maria, é uma bella pagina, romantica, instructiva e educadora, linda no estylo; a consulta interessa.

Essa carta motiva a consulta entre os dois esposos, porque d'ella evidencia-se o pedido que ia ser feito; desde que Ismael deixa salientar, que, na habitação dos paes de Maria, «mora e respira a alma de su'alma, o movel de sua felicidade futura, si é que para elle esta exista sobre a terra».

A consulta dos dois esposos é feita com tanta naturalidade, como jucunda devia ser para ambos, quando dirigindo-se á sala de musica, sorprehendeu-lhes a amizade carinhosa, com que Maria Amôr e Andréa buscavam alegrias reciprocas, interpretando, em um bello duo, de piano e violino, uma brilhante sonata de Boethoven. E assim devia ser; ao coração de paes enternecidos só uma symphonia esthetica de Boethoven, que é sempre um idyllio, que nos prazeres maximos, que desperta no coração humano, dá-lhe harmonias sem fim.

Bella é, tambem, aquella compenetração mysteriosa de Maria Amôr, quando ao entregar-lhe o annel de noiva, pinta a anciedade de Ismael, no titulo «*O Annel de Noiva*», filha de sua excessiva modestia; e ella ao levantar rapidos e expressivos esses seus olhos, cheios de sentimentos ineffaveis, como que parece dizer-lhe «*tranquillisa*», em solemnidade poetica tamanha, que n'esse olhar encerra-se um poema.

Esse olhar de suprema ventura parece murmurar preces, que se erguem até o *Pae da Suprema Graça*, a

pedirem suas bençãos. Fazendo da crença o seu primeiro affecto, e, da pupilla dos seus olhos, um templo, onde ardiam os cirios, que, illuminando a fé, mostrassem-lhe as graciosidades do seu coração, povoado de sonhos risonhos e esperanças, que deviam eternisar as venturas de duas almas, a fluctuarem em idyllios e aspirações mui nobres.

De um pathetico consolador é a surpresa do Conde de Penhabranca e sua filha Andréa. Dizêl-o, assim, basta: porque é impossivel definil-o melhor. O que não se referiria de generoso, pintando o encontro de um pae e de uma filha, que ignoravam-se a existencia; e, deante d'essa tão extraordinaria coincidencia de achar-se debaixo do mesmo amparo; e como irmã d'aquella de quem ia ser, pae, elle; e irmã, ella; por direito de familia?!

«*Bemdito seja Deus*» é o titulo de conclusão d'esta novela; uma bella synthese de preciosas elegias; uma leitura aproveitavel aos que desejando-a, em uma concentração amena e educadora, acharão em Maria Amôr um bom fanal, para, imitando os bons exemplos n'ella accentuados, e os conselhos recommendados, evitar os baixios das más paixões, e trilhar sempre pelo caminho da virtude.

Portanto, como ultimas palavras direi tambem, felicitando-me, que minha phrase, ao findar a leitura, foi esta: Bemdito seja Deus, que concedeu-me a clemente Graça de proporcionar-me possuir joia litteraria de tanta estima em minhas mãos, garantindo-me gozos espirituaes excepcionaes, e alegrias e jubilos sem limites, tão fecundos foram, lamentando eu apenas que minha phrase não dispozesse dos atavios precisos para emmoldurar dignamente tantas e tão caracteristicas bellezas.

***

Portanto, si a asturiana, nos tormentos que creou em meu coração, pede-me o olvido de suas composições, tão eivadas dos fanatismos da maldade, a catalã, em seus

moldes moraes invejaveis, impõe-se á minha admiração e ás homenagens de meu maior respeito.

*
* *

Todos os desconsolos da vida poderão annullar meus prospectos, mas os brilhantismos de sua phrase serão sempre estimulos para que eu fervorosamente ambicione a propagânda de doutrinas nobres, como as reveladas n'esse bello livrinho, que se pode consultar com carinho, novela exemplar, como disse a Censura Ecclesiastica, «em que os typos cuja acção e agrupamento a constituem, copiados das scenas reaes da vida, conspiram a que resplandesça a bemfeitôra influencia d'aquellas virtudes que difficultam no seio da familia as perniciosas inclinações da natureza humana. Com descripções suaves e agradaveis por sua naturalidade a authora pinta a victoria moral obtida pelo *bom exemplo*, sem que, ao descarnar as paixões sobre as quaes se obtém, resulte ferida alguma á modestia christã, tão desatendida em escriptos iguaes ao de que se trata».

*
* *

De accordo. Portanto, contente affirmo:— de seu contexto jamais me olvidarei; e, prometto, em solemne compromisso, como tributo de meu apreço, quando delle recordar-me, repetir, dedicando-lhe, esta bella quadra, pedida ao livro de «Versos» da autora:

Borrar en mi recuerdo
El tiempo no logrará;
que lo que en alma vive
tiene que ser immortal.

*
* *

Está, pois, Snr.ª D. Clotilde Cerdá de Grossmann, cumprido o meu compromisso; triste ficando por não poder dar mais energia á minha phrase, realçando as

dignidades litterarias das composições, que confiastes á minha censura.

Se porém bastar-vos, como reconhecimento, a gratidão á tal lembrança de tão bemdito lenitivo para sanar meus males, a confissão está feita: Cura efficaz; prestigioso o effeito dos medicamentos.

DR. JOSÉ PEREIRA REGO FILHO.